

UM AMOR VERDADEIRO

Certo jogador de futebol americano, visitando uma galeria, onde eram reverenciados os grandes atletas deste esporte ao longo dos tempos, fez uma consideração com base na lição que aprendera alguns anos atrás.

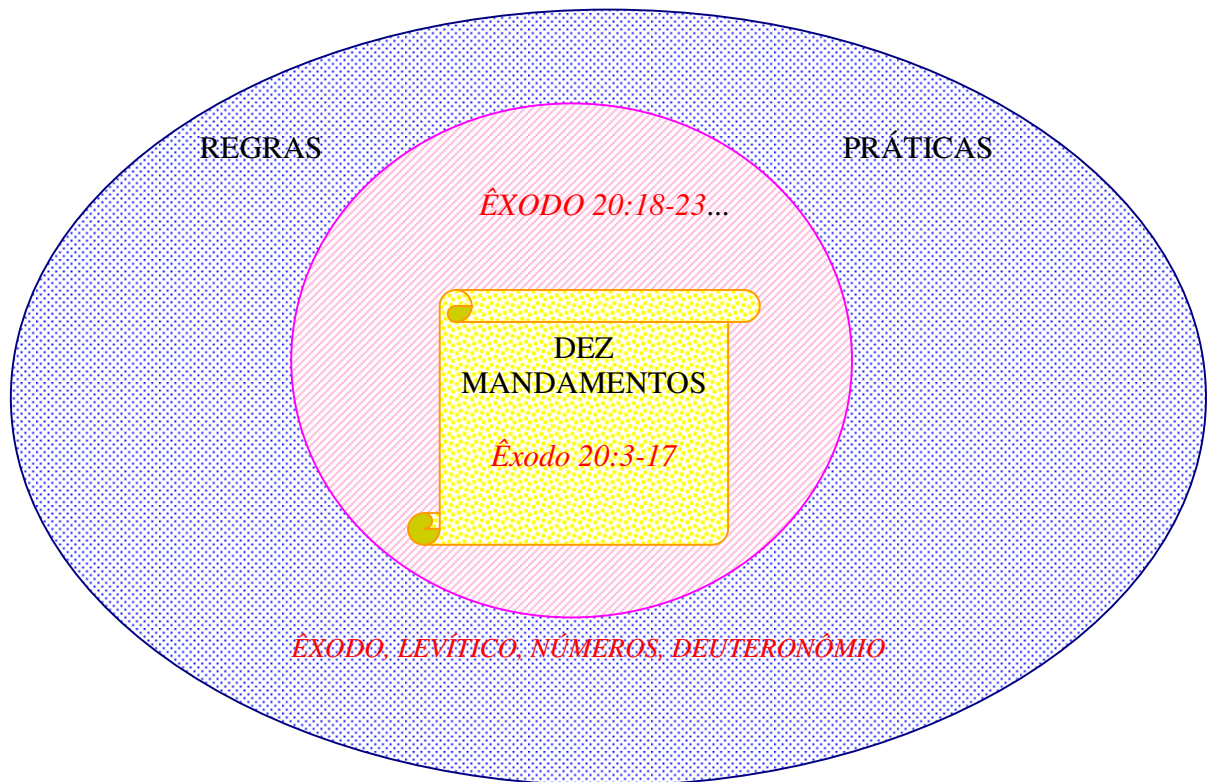
O fato tivera lugar a partir de uma afirmação sua, diante de um homem mais velho e mais experiente. Ele dissera: *“I love this game”*¹, ao que o observador retrucou: *“Do you love the game, or what the game can do for you?”*²

¹ “I love this game”. Tradução livre: “Eu amo este jogo.”

² “Do you love the game, or what the game can do for you?”. Tradução livre: “Você ama este jogo ou ama o que ele pode fazer por você?”

Realmente existe uma grande diferença entre *“amar”* (*to love*) algo ou uma pessoa, ou *“amar”* o que deles deriva em nosso benefício.

A Lei que Deus entregou ao povo de Israel, por meio de Moisés, tem como cerne os dez mandamentos, envolvidos por um conjunto de ordenanças que os especificam, e por uma grande quantidade de regras que buscam viabilizar seu exercício prático no dia a dia.



Jesus, ao analisar os mandamentos, que ele cumpriu e até mesmo aperfeiçoou (*Mt 5:17-37*), apresenta uma síntese que tudo resume em apenas 2 (duas) determinações:

“Um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar:”

“Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”

“Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.”

“Este é o primeiro e grande mandamento.”

“O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

“Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.”
(*Mt 22:34-40*).

O que observamos comumente é que as pessoas fazem grandes propagandas de Deus, sobre o quanto Ele é bom, é Pai, que faz o melhor para todos, mas nisso parecem não estar olhando para o Senhor do universo, mas sim para suas realizações.

Isso é até natural. Davi expressou a sua consideração sobre a glória de Deus a partir de algo que ele próprio via, certamente nos momentos em que estava a sós, pastoreando as ovelhas: *“Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos.”* (*Sl 19:1*).

Deixando de lado o que vemos hoje, o chamado “evangelho de resultados”, podemos na Bíblia encontrar uma demonstração tremenda de amor para com Deus, independente do que esteja acontecendo. Estamos falando do famoso Jó.

Este homem - muito rico e abençoado - passou por uma provação de tal magnitude, que sua mulher propôs que abandonasse ao Senhor, mas ele respondeu:

“Então Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a sua cabeça e, lançando-se em terra, adorou”

“e disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá. O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.”

“Em tudo isso Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma”.
(*Jó 1:20-21*)

“Sua mulher lhe disse: Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus, e morre.”

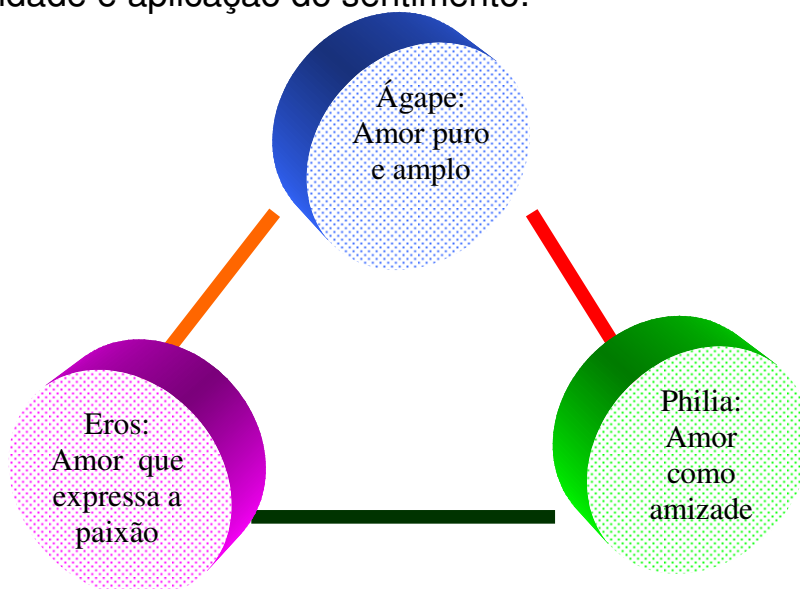
“Respondeu-lhe ele: Como fala qualquer doida, assim falas tu. Receberemos o bem de Deus, e não receberemos o mal? Em tudo isso não pecou Jó com os seus lábios.” (Jó 2:9-10).

Voltando às duas determinações de Jesus – *“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”* e *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”* – identificamos uma noção extremamente simples de ser entendida, mas também absolutamente complexa quanto à prática, o que encontra registro, igualmente em outros evangelhos (*Os maiores mandamentos Mc 12:28-34; Lc 10:25-27*).

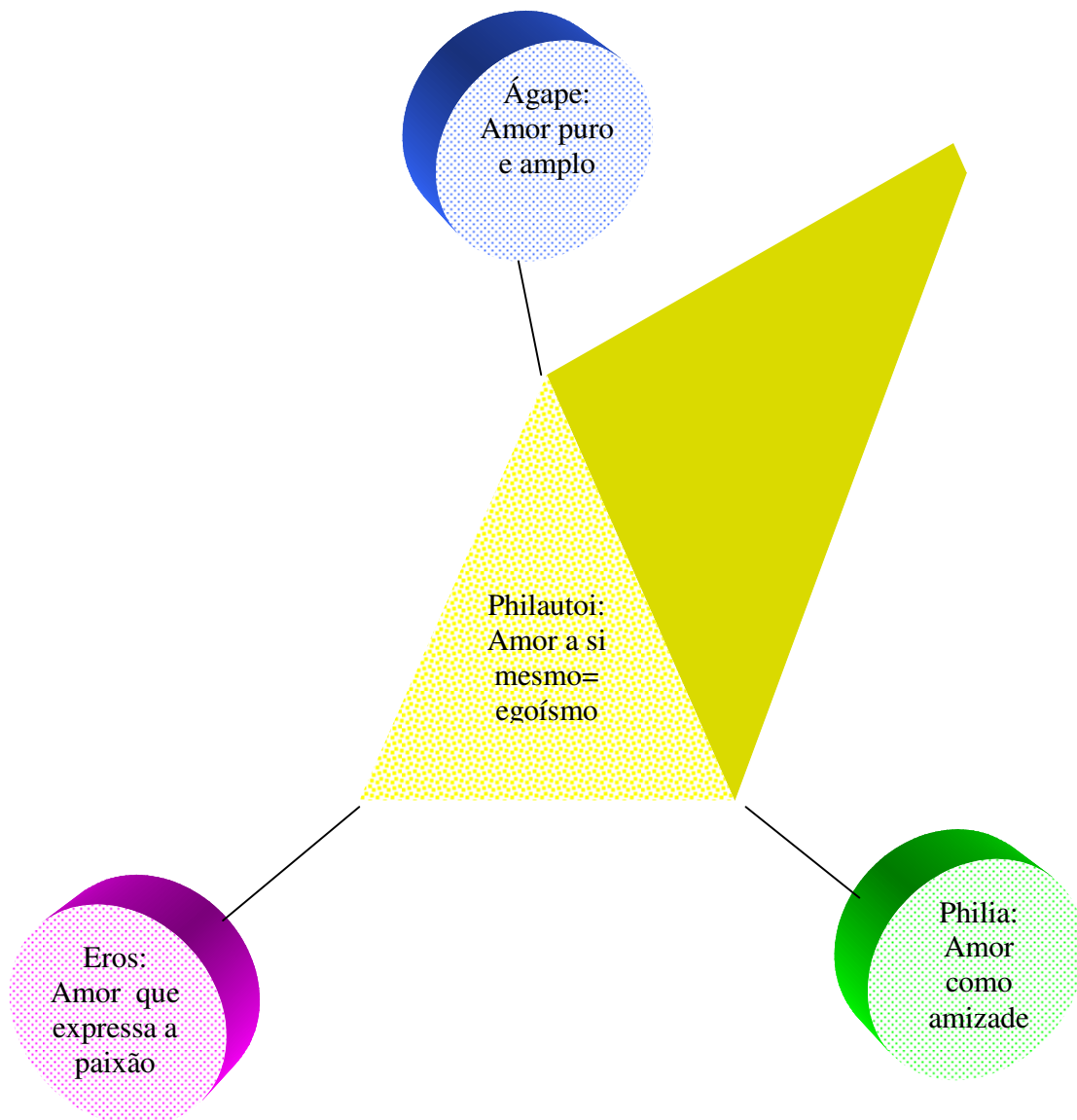
Tal indicação nos adverte sobre a maneira como devemos encarar as coisas eternas se desejamos ser praticantes da Palavra e não meros ouvintes (*Tg 1:22*).

Seria interessante retornar às origens da palavra *“amor”*, utilizando o grego, embora os judeus já tivessem de conviver com tal idéia subjetiva desde muitos séculos antes.

No grego ela assume três sentidos básicos, que variam quanto à intensidade e aplicação do sentimento:



Ocorre que, para sermos fiéis à realidade das manifestações de sentimentos do ser humano, teríamos de acrescentar um quarto elemento, que interage com os outros três, e, não raramente, os influencia de forma determinante.



Isso poderia nos levar à idéia de que seria melhor erradicar o *“amor próprio”*, mas ele é praticamente irremovível, tanto assim que a simplificação de Jesus não coloca o amor ao próximo acima do amor a si próprio, mas o equipara: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”*

Mergulhando na Palavra, encontraremos uma colocação de Paulo em sua carta a Timóteo, momento em que ele, há cerca de dois mil anos, considera o que haveria de acontecer nos dias atuais em relação ao florescer desse amor a si mesmo em níveis tais que se transmuda em “egoísmo”:

*“Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis;”
“pois os homens serão amantes de si mesmos, gananciosos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos,”
“sem afeição natural, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, sem amor para com os bons,”
“traidores, atrevidos, orgulhosos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus,”
“tendo aparência de piedade, mas negando-lhe o poder. Afastate também destes.”
“Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências;”
“que aprendem sempre, mas nunca podem chegar ao conhecimento da verdade.”
“E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé.”
“Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesta a sua insensatez, como também aconteceu com a daqueles.” (II Tm 3:1-9).*

Seguramente, Jesus apresenta um conceito de amor absolutamente diferente daquele entendido por nós, pois é absolutamente doador, sem sopesar o que é possível ganhar:

“Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a própria vida pelos seus amigos.” (Jo 15:13).

Paulo, ao descrever o amor (caridade), reforça exatamente este conceito de ausência de pretensões:

“O amor é paciente, é benigno. O amor não inveja, não se vangloria, não se ensoberbece.”

“Não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal.”

“O amor não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.”

“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

“O amor nunca falha. Mas havendo profecias, cessarão; havendo línguas, desaparecerão; havendo ciência, passará...”

“...Agora permanecem estes três: a fé, a esperança e o amor, mas o maior destes é o amor.” (I Cor 13:4-13).

Aqui vamos nós, mais uma vez, para os famosos impasses apresentados pelo conceito bíblico – que não é humano – mas divino.



Como a Palavra de Deus jamais falha, e existe nisto um segredo ou elemento representado por um sentido mais profundo, algo que, poderíamos dizer, envolveu o procedimento até mesmo de Jesus.

“Olhando firmemente para Jesus, autor e consumidor da nossa fé, o qual pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz, desprezando a ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.” (Hb 12:2).

Quando falamos que Jesus suportou a cruz com a consciência daquilo que iria obter na eternidade, não estamos levantando a hipótese de que ele agia com qualquer “segunda intenção”, ou que

pudesse ser egoísta, já que sua personalidade era de humildade e mansidão de coração (*Mt 11:29*), e sempre deu absoluta preferência à vontade do Pai (*Mt 26:42*).

O que ocorria era a sua capacidade absoluta de entender o Plano Eterno que lhe permitia “visualizar” aquilo que estava por vir, algo tão extraordinário que apagava todo tipo de sensação negativa, dolorosa ou triste.

A aceitação de “*morrer por inimigos*” e por pessoas que nem sequer o aceitavam (*Jo 1:11*) estava fundada no fato de seu sacrifício ter a capacidade de transformar estas mesmas pessoas em filhos de Deus, co-herdeiros com Ele da glória, e mais, seu corpo, sua igreja, sua noiva.

“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.” (Rm 5:8).

O SACRIFÍCIO DE CRISTO NOS FAZ	REFERÊNCIAS
FILHOS DE DEUS	<i>Rm 8:14-16; Gl 3:36; Jo 1:12</i>
CO-HERDEIROS COM JESUS	<i>Rm 8:17</i>
O CORPO DE JESUS	<i>I Cor 12:27; Ef 4:4; Ef 5:30; Col 1:18-19; Hb 10:5</i>
A IGREJA DE JESUS	<i>Hb 12:23; Ef 1:22</i>
A NOIVA DE CRISTO	<i>Ap 21:9</i>

Poderíamos aprofundar este raciocínio ao recordarmos as palavras de João que deixa claro que Jesus esteve com o Pai desde o princípio, e que tudo foi feito por Ele (*João 1:1-4*).

Assim sendo qual poderia ser a “glória” que o motivaria a suportar a cruz até o ponto de ser separado de Deus? (*Mt 15:34*).

Certamente não a perspectiva de ser maior, mais poderoso, ter mais fama ou riquezas, mas sim a de comprar com seu sangue (*At 20:28*) pessoas como eu e você, permitindo que viéssemos a habitar com Ele por toda a eternidade.

“Tendo dito estas coisas, Jesus levantou os olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora. Glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti.”

“Pois lhe deste autoridade sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos os que lhe deste.”

“Ora, a vida eterna é esta: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”

“Eu te glorifiquei na terra, concluindo a obra que me deste para fazer.”

“E agora, Pai, glorifica-me em tua presença com a glória que tinha contigo antes que o mundo existisse...”

“...Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.

Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.”

“Por eles me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.”

“Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim.”

“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti. Que eles também sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.”

“Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que sejam um, como nós somos um:”

“Eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste como também amaste a mim.”

“Pai, quero que onde eu estiver, estejam também comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória, a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo.” (João 17: 1-5...17-24)

“O meu mandamento é este: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.”

“Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a própria vida pelos seus amigos.”

“Já não vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Antes, tenho-vos chamado amigos, pois tudo o que ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.”

“Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi, e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo o que em meu nome pedirdes ao Pai ele vos conceda.”

“Isto vos ordeno: Amai-vos uns aos outros.” (João 15:12-17).

Por essa razão, quando Jesus nos determina a ceder, a amar aos inimigos, está pedindo não menos do que a prática do *“amor divino”*, que sabe da possibilidade de tornar um inimigo em um irmão.

“...Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.”

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem,”... (Mt 5:38-48).

Bendizer aos que nos maldizem e mostrar amor para com aqueles que nos perseguem, algo que, na verdade, não nasce neles, mas no fato de não estarem livres do inimigo, que é o verdadeiro adversário (*Ef 6:12*), não representa ser fraco, entregar os pontos, mas ter a verdadeira força, que vence o mal sem agredir, vingar, ou odiar:

“Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.” (Rm 12:21).

Este amor incondicional - cuja essência não espera retribuição, pois se identifica com aquele que Deus tem para conosco - não representa uma aceitação de coisas erradas que possam ser realizadas pelos que nos cercam, porquanto nem mesmo o senhor deixa tais atos passarem impunes:

“Eu repreendo e castigo a todos quanto amo. Portanto, sê zeloso, e arrepende-te.” (Ap 3:19).

O egoísmo do homem natural, que vimos expresso na carta de Paulo a Timóteo, resulta da sua impossibilidade de discernir o eterno (*I Cor 2:14*), o que o deixa em um estado de temor constante, e o força a se apegar ao que está diante de seus olhos, afinal, o que haverá amanhã?

Sendo imperfeito em amor, devido ao medo que o cerca:

“No amor não há medo. Antes o perfeito amor lança fora o medo, porque o medo produz tormento. Aquele que teme não é aperfeiçoado em amor.” (I João 4:18).

o homem natural desafia a tudo para ter aquilo que é material, seguindo o lema:

“Mas há gozo e alegria, matam-se vacas e degolam-se ovelhas, come-se carne, e bebe-se vinho, e diz-se: Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.” (Isa 22:13).

“Se, como homem, lutei em Éfeso com feras, que me aproveita isso, se os mortos não são ressuscitados? Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos.” (I Cor 15:32).

Somente que está envolvido na esperança, que é uma das irmãs do amor, pode se dar ao luxo de amar como Deus nos amou, mas isso é algo obrigatório, pois se não amamos aos nossos irmãos não temos um **“amor verdadeiro”** por Deus:

“Ora, a esperança não traz confusão, porque o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (Rm 5:5).

“A nossa esperança acerca de vós é firme, sabendo que, como sois participantes das aflições, assim o sereis também da consolação.” (I Cor 1:7).

“A eles Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória.” (Cl 1:27).

“Deus fez isso para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos forte consolação, nós, os que nos refugiamos em lançar mão da esperança proposta.” (Hb 6:18).

“Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação;” (Ef 4:4).

Este último trecho da carta de Paulo, nos trás a lembrança um esclarecimento complementar, o porque é possível amar as pessoas sem qualquer proposta de retorno.

Ocorre que os já salvos em Cristo são parte de um corpo único, no qual você tem o seu lugar, enquanto que os não salvos são potencialmente aqueles que irão integrara este corpo.

Como ninguém prejudica a si mesmo, mas se ama, ao amar o próximo estará beneficiando o seu corpo, e terá somente vantagens nisso (*I Cor 12:12-27*).

“para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros.”

“De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.” (I Cor 12:25-26).

O amor para com Deus, que nunca pudemos ver, se mostra, assim, no amor para com aqueles que nos cercam todos os dias:

“Se alguém disser: Eu amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso. Pois aquele que não ama a seu irmão, a quem viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (I João 4:20).

Existe uma relação dinâmica entre as partes que irão gerar o Templo, que simboliza a Igreja de Cristo, de tal modo que Pedro nos chama de “pedras vivas”, as quais se ajustam umas às outras fundadas no alicerce que é Jesus, até uma edificação perfeita.

“Vós também, como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.” (I Pe 2:5).